

Botequim que se preza



Post (0254)

Butiquim que se preza, ninguém sabe o endereço; só sabe chegar.

Butiquim que se preza deve ter razão social e nome fantasia. Mas estes devem ser solenemente ignorados pela clientela, que só se referirá ao estabelecimento pelo genitivo: “Bar do Zé”, “Buteco do Juca” etc.

Butiquim que se preza só tem um banheiro, unissex. Mas se tiver mais um, feminino, é imperativo que seja trancado e que a chave fique em poder da mulher do proprietário, responsável pela culinária da bodega.

Butiquim que se preza tem que ter um dono mal-humorado, tendente a grosso, de preferência português ou espanhol e a visita à cozinha é vivamente desaconselhado.

Butiquim que se preza tem limão e/ou gelo no mictório. Tolerase a naftalina. Papel higiênico também tem que ser solicitado ao portuga.

Na arquitetura do butiquim que se preza, o balcão é de longe o

elemento preponderante. Todos os demais devem estar em função dele, tem vitrine para exibir as iguarias produzidas pela cozinha local. Nesta, deverão estar permanentemente expostos, ao menos: algum ovo de coloração diferente da natural ou uma sardinha e/ou lingüiça preparadas minimamente com 24 horas de antecedência.

Cerveja, no butiquim que se preza, é Brahma. Só. Estúpidas. Vá lá uma Caracu, não vende cerveja de lata, a não ser, em último caso, pra viagem. Tem a pinga da casa, purinha, de alambique, de preferência num garrafão azul, mesmo que abastecido, religiosamente, com a pinga mais ordinária.

Butiquim que se preza tem seus solitários obrigatórios, onde tudo se discute. Nada se estabelece.

Butiquim que se preza não bate sol dentro em nenhuma hora do dia, nenhuma época do ano.

O repertório de copos do butiquim que se preza se resume ao indefectível americano, o longo e alguma espécie de abaulado, para os tomadores de conhaque.

Butiquim que se preza deve ter um cardápio enxuto, necessário e suficiente: os malfadados petiscos de vitrine, que mataram o guarda; tremoços, azeitonas e amendoins. Uma conserva de procedência duvidosa pode eventualmente ser bem vinda. Mais nada.

Butiquim que se preza todo mundo sabe o nome de todo mundo. Mas ninguém sabe o sobrenome de ninguém e deve guardar, na freqüência, desproporção de gênero da ordem de 10 para 1. Dez homens pra cada mulher, bem entendido.

Butiquim que se preza ostenta obrigatoriamente um nicho ou altar em honra ao protetor do estabelecimento, prevalecendo estatisticamente São Jorge e o Padre Cícero, deve tolerar as manifestações religiosas e artísticas esporádicas de seus frequentadores, sejam discretas batucadas de balcão, até

ajuntamentos musicais de grandes proporções. Fazer o quê?

Butiquim que se preza deve vender, basicamente, além dos birinaites inebriantes e comidas insalubres, gêneros de primeira necessidade como cigarros, fósforos e cartões telefônicos. Não muito mais que isso, para evitar atrair a freqüência demasiada de estranhos ao ambiente.

Butiquim que se preza tem televisão com Bombril na antena, que será ligada única e exclusivamente nos horários de jogos de futebol envolvendo as agremiações locais ou o Escrete. E olhe lá.

Em butiquim que se preza, ninguém é “afro-descendente”, “de opção sexual diferenciada”, ou “portador de necessidades especiais”. Preto é preto, crioulo, negão; viado é viado, cego é cego, surdo é surdo, aleijado é aleijado. Sendo estes que o frequentam não se sentem, por isso, ofendidos.

Butiquim que se preza deve conter cartazes com ditos edificantes para a educação do povo, tais como “a inveja é uma merda”, “fiado só para maiores de 80 acompanhado dos avôs”, que devem figurar ao lado do pôster do time do coração do bodegueiro.

Em butiquim que se preza, nada é proibido. Mas nem tudo é permitido.

Texto originalmente publicado por Bruno Ribeiro – resumido
– NG Canela – Março de 2014

0 Casal



Post (0253)

Sete da noite, numa avenida movimentada.

O casal já está atrasado para jantar na casa de uns amigos. O endereço é novo, bem como o caminho que ela consultou no mapa antes de sair.

Ele conduz o carro. Ela orienta e pede para que vire, na próxima rua, à esquerda. Ele tem certeza de que é à direita...

Discutem.

Percebendo que além de atrasados, poderão ficar mal-humorados, ela deixa que ele decida. Ele vira à direita e percebe, então, que estava errado.

Embora com dificuldade, admite que insistiu no caminho errado, enquanto faz o retorno. Ela sorri e diz que não há nenhum problema se chegarem alguns minutos atrasados.

Ele questiona: – Se tinhas tanta certeza de que eu estava indo pelo caminho errado, por que não insistiu um pouco mais?

Ela diz: – Entre ter razão e ser feliz, prefiro ser feliz!!! Estávamos à beira de uma discussão, se eu insistisse mais, teríamos estragado a noite!

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta pequena história foi contada por uma empresária, durante uma palestra sobre simplicidade no mundo do trabalho. Ela usou a cena para ilustrar quanta energia nós gastamos apenas para demonstrar que temos razão, independentemente, de tê-la ou não.

NG Canela – Março de 2014